



REVISTA DA ANINTER-SH
Volume 1, 2024 – Artigo: 20
ISSN: 2965-954X
Received: 07/12/2023
Accepted: 02/04/2024

D.O.I. <http://dx.doi.org/10.69817/2965-954X/v1a20>

HIPERSEXUALIZAÇÃO DE PESSOAS RACIALIZADAS: O IMPACTO DA MASCULINIDADE TÓXICA NO HOMEM NEGRO

HIPERSEXUALIZACIÓN DE PERSONAS RACIALIZADAS: EL IMPACTO DE LA MASCULINIDAD TÓXICA EN LOS HOMBRES NEGROS

Catiane Pinheiro Morales, Universidade Estácio de São Paulo – SP. Psicóloga, Mestra em Antropologia Social e Cultural – Universidade Federal de Pelotas UFPEL.
E-mail: catianemorales@gmail.com

RESUMO- Este artigo investiga como a masculinidade tóxica influencia a sexualidade, especialmente em pessoas racializadas, a partir de uma perspectiva decolonial utilizando autores como Frantz Fanon, Achille Mbembe, Maria Lugones e Grada Kilomba. A pesquisa explora como expectativas sociais e culturais moldam a experiência e a compreensão da sexualidade masculina. Utilizando uma análise crítica da literatura e um caso clínico, o estudo visa promover um diálogo sobre a diversidade de experiências de gênero e sexualidade. O caso clínico apresenta L.F., um homem negro de 39 anos, que buscou atendimento devido à disfunção erétil. Sem causa orgânica identificada, L.F. foi encaminhado para avaliação psicológica. Durante o acompanhamento, foram abordados temas como a hipersexualização do homem negro e o impacto do racismo estrutural. Apesar de ganhos significativos, o tratamento foi interrompido por falta de recursos para deslocamento a outro serviço. A conclusão destaca que a masculinidade tóxica enraizada na estrutura social colonial prejudica a saúde mental e sexual dos homens, promovendo comportamentos nocivos e negligenciando o autocuidado. A desconstrução desses preceitos é essencial para lidar com o sofrimento real e promover uma sociedade mais justa e igualitária. Estudos futuros devem abordar as experiências de masculinidades tóxicas com profundidade e responsabilidade, visando a erradicação da violência.

PALAVRAS-CHAVE: masculinidade tóxica; sexualidade; decolonialidade; saúde mental.

RESUMEN- Este artículo investiga cómo la masculinidad tóxica influye en la sexualidad, especialmente en personas racializadas, desde una perspectiva decolonial utilizando autores como Frantz Fanon, Achille Mbembe, Maria Lugones y Grada Kilomba. La investigación explora cómo las expectativas sociales y culturales dan forma a la experiencia y comprensión de la sexualidad masculina. Utilizando un análisis crítico de la literatura y un caso clínico, el estudio pretende promover un diálogo sobre la diversidad de experiencias de género y sexualidad. El caso clínico presenta a L.F., un hombre de raza negra, de 39 años, que buscó atención por disfunción erétil. Al no identificarse causa orgánica, L.F. fue remitido para evaluación psicológica. Durante el seguimiento se abordaron temas como la hipersexualización de los hombres negros y el impacto del racismo estructural. A pesar de los importantes avances, el tratamiento se interrumpió por falta

de recursos para viajar a otro servicio. La conclusión destaca que la masculinidad tóxica arraigada en la estructura social colonial perjudica la salud mental y sexual de los hombres, promoviendo conductas nocivas y descuidando el autocuidado. La deconstrucción de estos preceptos es esencial para afrontar el sufrimiento real y promover una sociedad más justa e igualitaria. Los estudios futuros deben abordar las experiencias de las masculinidades tóxicas con profundidad y responsabilidad, con el objetivo de erradicar la violencia.

PALABRAS CLAVE: masculinidad tóxica; sexualidad; decolonialidad; salud mental.

INTRODUÇÃO

Estudando a perspectiva decolonial é possível perceber que: a masculinidade tóxica vem construindo historicamente a forma como as pessoas se relacionam com sua sexualidade. A intersecção entre masculinidade e sexualidade é um campo vasto e complexo que merece uma análise aprofundada e crítica. A sociedade contemporânea é caracterizada por uma diversidade cada vez maior de identidades de gênero e orientações sexuais, desafiando as normas tradicionais de masculinidade e feminilidade. No entanto, mesmo num contexto de mudança cultural e social, persistem normas de masculinidade rígidas e prejudiciais, muitas vezes referidas como "masculinidade tóxica". Esta forma restritiva de masculinidade promove ideais que restringem a expressão emocional, impõe expectativas sexuais que podem ser prejudiciais e perpetuam estereótipos de gênero negativos. O modo como se expressa, sente e vive a sexualidade, encontra ainda um outro atravessador a pessoas racializadas, destacando experiências e afetos distintos que ainda são pouco estudados pela ciência.

Esta pesquisa tem por objetivo explorar a interconexão entre masculinidade tóxica e sexualidade, examinando como as expectativas sociais e culturais associadas à masculinidade podem influenciar a forma como os homens experienciam, expressam e compreendem sua sexualidade. Buscando igualmente compreender como a dicotomia hierárquica de gênero, partindo da colonialidade, constitui a performance das masculinidades vigente, especialmente em pessoas racializadas.

Este estudo se baseará em uma análise crítica da literatura atualizada, examinando as manifestações da masculinidade tóxica na sociedade contemporânea, bem como suas expressões da sexualidade masculina. Além disso, consideramos como a masculinidade tóxica afeta não apenas os homens brancos cisgêneros heterossexuais, mas também a experiência de indivíduos LGBTQIA+ e de homens não-brancos, que podem ser expostos a normas de masculinidade, sendo prejudiciais de maneiras diferentes.

Ao entendermos melhor essas dinâmicas complexas, espera-se contribuir para um diálogo construtivo e para a promoção de uma cultura que valorize a diversidade de experiências de gênero e sexualidade, criando um ambiente mais inclusivo e equitativo para

todos. Para isso, utilizaremos autores e autoras da perspectiva decolonial e antirracista, além de estudos recentes que estejam abordando o tema central. Buscando enriquecer a discussão traremos um caso clínico, na intenção de exemplificar o que está sendo abordado e visualizar estratégias de intervenção no campo da psicologia.

DESENVOLVIMENTO

Desejo iniciar esse texto a partir de algumas provocações. A autora Tereza Fagundes em seu artigo “Masculinidades saudáveis X Masculinidades tóxicas” (2023) fazendo referência a sentença de Simone Beauvoir (1980) “não se nasce mulher torna-se mulher”, lança a sentença “não se nasce homem, torna-se homem” (Fagundes, 2023, p. 2). As autoras mencionadas estão suscitando que ser *homem* ou *mulher* é construção forjada socialmente, partindo principalmente da concepção do patriarcado. Ou seja, trata-se de performances estabelecidas hierarquicamente para o funcionamento da sociedade.

Em contraponto, farei algo similar a partir da discussão que vem sendo feita por autoras do feminismo negro como bell hooks¹ e Sojourner Truth com a questão “E eu não sou uma mulher?” Gostaria de propor a pensar “E quem pode ser um homem?”².

Primeiramente, se faz necessário compreender que performar gênero é performar papéis sociais, e esses papéis sociais, por primazia na nossa sociedade estão enraizados no padrão eurocêntrico. E por padrão eurocêntrico compreende-se cisgênero e heterossexual ancorado na dicotomia homem-mulher, masculino-feminino. Além de dicotômico, também é hierarquizado, sendo o homem branco hetero e cis o suprasumo da normalidade, detentor do poder sobre o outro. Este outro, embora colocado no singular, na verdade é muita gente, são mulheres, homens e mulheres não-brancos, pessoas não-heteros, pessoas não-cisgênero. Repare na utilização de “não-” para demarcar a “não-normalidade” uma vez que há uma gama enorme de possibilidades de existir na diversidade.

Através da perspectiva do feminismo decolonial, por Maria Lugones (2019) vemos como o homem europeu, branco, hetero, cis, colocou-se como “sujeito da razão” transformando os povos colonizados e escravizados em “não humanos – animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens.” (Lugones, 2019, p. 358). Nesta lógica, a mulher branca europeia é colocada como ser puro e utilizada apenas para a reprodução (Lugones, 2019, p. 358). Ou seja, para esta mulher não cabe o prazer, sua sexualidade é na verdade

¹ A pedido da própria autora, o nome dela deve sempre ser escrito em letras minúsculas, para demarcar um lugar de resistência.

² O contraponto é “quem pode ser um homem?” pois estou falando em terceira pessoa uma vez que parto do lugar de fala de uma mulher, cisgênero, heterossexual e lida racialmente como branca.

inexistente, sendo exclusivamente órgãos reprodutores. Recai neste aspecto o modo como esse homem estabelece sua sexualidade nessa relação heterossexual como mero *coito*³ para reprodução, e assim perpetuar sua existência e seus bens (Lugones, 2019, p. 358). Não há vestígios de preocupação com o prazer sexual de sua parceira, pelo contrário, o não prazer é uma obrigação para que se mantenha a pureza da mulher, o que na perspectiva feminina impõe culpa ao prazer, distanciando a mulher da mera possibilidade de satisfação.

Na divisão dicotômica hierárquica colonial, pessoas colonizadas eram tidas por macho ou fêmea, diferentemente do colonizador, “os comportamentos e as personalidades/almas das pessoas colonizadas eram julgadas como bestiais e conseqüentemente não atribuídas de gênero, promíscuas e grotescamente sexuais e pecaminosas” (Lugones, 2019, p. 359). Cabe ressaltar que para Achille Mbembe a razão assim como a raça é uma invenção do homem branco europeu para embasar o racismo e o privilégio branco (Mbembe, 2018, p. 28).

Ainda de acordo com Lugones, no entendimento da época, a mulher era vista como a inversão do homem (ser da normalidade e da perfeição), deste modo, os colonizados divididos entre macho e fêmea são nada menos que “não-humanos-como não-homens” e “não-humanas-como-não-mulheres” (Lugones, 2019, p. 359). Assim sendo, o homem colonizado não sendo comparável à mulher, é visualizado em um status de “*feminização*” (Lugones, 2019, p. 359), em outras palavras: não se compara nem mesmo às mulheres, sendo uma estratégia de humilhação. A contraposição agora é resgatar a afirmação anterior de “grotescamente sexuais” (Lugones, 2019, p. 359) e comparar com a passividade de “nem mulher é”, lembrando que a mulher (branca) não tem sexualidade, apenas reproduz. Nessa lógica da colonialidade este ser não-branco, não é um homem também não é uma mulher pois não é comparável a ela, no entanto põem em risco sua pureza devido a seus instintos sexuais.

Deste modo, o homem não-branco (não-homem) é aquele a quem deve-se tomar cuidado em relação às mulheres, pelo risco iminente de não controlar seus instintos sexuais, pondo em risco a pureza desta mulher. Ao mesmo tempo, a este não-homem não é permitido a reprodução com mulheres brancas, pois não é comparável ao ser da reprodução. Ora, se ele põe em risco a pureza da mulher, o medo então está no risco de que este não-homem lhe dê prazer?

Neste ponto, nos aproximamos de um dos argumentos utilizados pelo homem da

³ Grifos meus para destacar e causar estranheza proposital, trata-se de uma relação fria e objetiva, que não prevê o prazer sexual.

normalidade para justificar o estupro de mulheres não-brancas: a reprodução! Contudo, não há preocupação em justificar o uso dos corpos não-brancos, pois, nesta lógica, são corpos não humanos, pertencentes ao ser da normalidade. Se a ele pertence, tal qual objetos, a ele cabe fazer o que lhe convém. O uso do corpo da fêmea não-humana também não é para a reprodução, pois lembrando, ela não é comparável ao homem. Contudo, uma vez que mulheres não são para o prazer, a fêmea não-humana “grotescamente sexual” o é. Este homem da normalidade que se coloca como ser da razão, constrói toda esta lógica de dicotomia hierárquica às vezes ilógicas pela contraposição, para colocar a sua vontade e o seu desejo acima de tudo. O homem da normalidade, estando no topo da hierarquia, detém o poder, dita as regras, e impõe sua lógica e, se contestado, não se frustra, apenas cria outra regra impondo como verdade absoluta, isentando-se da necessidade de justificá-la. O homem ser da normalidade, ocupa-se exclusivamente de saciar suas vontades.

O modo subjugação ocorre está sempre a favor de quem a exerce, Grada Kilomba (2019) discorre como o colonizador utiliza de estratégias para não entrar em contato com as suas próprias ações coercitivas e violentas. O exemplo da autora é a máscara do silenciamento, utilizada em escravizados, não simplesmente para que eles não comessem o que foi produzido ou terra na busca incessante por liberdade através da morte. Kilomba refere que ao silenciar, o colonizador não precisa ouvir o que o colonizado tem a dizer, não entrando em contradição, negando os fatos de sua própria violência e projetando no outro o que dele (Kilomba, 2019, p. 43). Ou seja, embora o Homem branco (colonizador) tenha pulsões sexuais a ponto de cometê-las com mulheres colonizadas (estupro), infere ao homem negro (colonizado) “impulsos grotescamente sexuais” (Lugones, 2019, p. 359).

O autor Frantz Fanon aborda a fobia do homem branco com relação ao homem negro, a partir da idealização feita em relação à sexualidade e virilidade do homem negro, passando por teorias falocêntricas de que o homem negro possui uma sexualidade preponderante. Tal abordagem é reafirmada por Achille Mbembe ao citar o linchamento de homens negros pelo medo de sua potência sexual no Sul dos Estados Unidos em meados de 1862 (Mbembe, 2018, p. 201). Esse pensamento fóbico para Fanon parte de um pensamento pré-lógico, ou seja, sobre a ideia ou idealização de algo sem que haja a informação real dos fatos.

Ainda no plano genital, será que o branco que detesta o negro, não é dominado por um sentimento de impotência ou de inferioridade sexual? Sendo o ideal de virilidade absoluto, não haveria aí um fenômeno de diminuição em relação ao negro, percebido como um símbolo fálico? O linchamento do negro não seria uma vingança sexual? (...) A superioridade do negro é real? Todo mundo *sabe* que não. Mas o importante não é isso. O pensamento pré-lógico do fóbico decidiu que é assim. (Fanon, 2008, p. 139)

Destarte este funcionamento, corrobora para uma performance de masculinidades tóxicas. Segundo Fagundes (2023), “de forma articulada, os sistemas, o capitalismo e o patriarcado definem a associação da reprodução da vida às mulheres e da produção para a vida aos homens.” (Fagundes, 2023, p. 3), indo ao encontro do postulado de Lugones (2019) e Anzaldúa (2019), no qual as autoras afirmam o homem neste lugar de provedor e detentor da produção, quem detém o capital. O trabalho é o pilar da construção dos valores masculinos, sendo assim do âmbito de vida pública. Recaindo sob os ombros da performance do homem “ser forte o bastante para proteger e sustentar” (Anzaldúa, 2019, p. 329). Deste modo, para o homem, falar de si e de sua intimidade seria mostrar vulnerabilidade e aproximar-se do feminino. Se faz necessário elucidar que uma minoria dos homens consegue ter o privilégio total de gozar plenamente de sua masculinidade, como todo o poder que dela depreende. Outrossim, a busca por esse lugar pleno de masculinidade, pode ser adoecedor. E, sendo assim, para homens brancos e não brancos quando pensamos em contextos brasileiros, vislumbrando o fenômeno de branqueamento do país (Bento, 2002).

O homem da normalidade deve ser viril (para que faça a mulher reproduzir), deve ser forte, ter boa remuneração pelo seu trabalho e exercer poder sobre os outros. Em contrapartida, o homem não-branco necessita aproximar-se da branquitude para ascender socialmente, ou seja, exercer o poder colonial. A colonialidade do poder para Anibal Quijano (2009), assim como para Castro-Gómez e Grosfoguel (2007), se dá de três modos: pela colonialidade do saber - para quem detém o conhecimento, o saber, a expertise sobre determinado assunto - colonialidade do ter – aquele que detém o capital ou o outro – colonialidade do ser – é sobre ser alguém, ser o sujeito. Na corrida para tornar-se o ser da normalidade, muitas subjetividades são aniquiladas e subjugadas. O que geralmente esquecemos é que a própria subjetividade do ser homem vai sendo violentada neste processo. Compreender este fato, não significa romantizar as violências cometidas por homens nesta busca por exercer seu poder, tão pouco não os responsabilizar por elas. Captar o funcionamento das masculinidades tóxicas significa olhar atentamente para estruturas sociais que ao longo da história fomenta comportamentos violentos e não saudáveis.

Caso Clínico

L.F., 39 anos, autodeclarado preto, do sexo masculino, heterossexual, residente na região periférica de Pelotas-RS, procurou atendimento na Unidade Básica de Saúde relatando dificuldade em manter o pênis ereto durante relações sexuais. Sem encontrar causa orgânica, a médica da Estratégia de Saúde da Família (ESF) solicitou avaliação da equipe de psicologia da unidade, com hipótese diagnóstica conforme critérios do CID 10 – F 52: Disfunção sexual, não causada por transtorno ou doença orgânica. L.F. relatou que o problema começou há cerca de dois anos e vem piorando. Inicialmente, ele associou a dificuldade de ereção a um episódio de gonorreia ocorrido há 15 anos. Nos últimos meses, a situação se agravou, levando ao rompimento de sua relação afetiva. O paciente demonstra sofrimento psíquico significativo, com falta de desejo sexual, perda de libido e incapacidade de manter relações sexuais, o que o impede de estabelecer relações afetivas.

L.F. mora sozinho e tem uma filha de 13 anos, que vive com a mãe dele. Descreve a mãe como um exemplo, mas não possui vínculo afetivo com o pai. Seus pais se separaram e reataram, o que o levou a morar sozinho muito jovem. Durante esse período, contraiu gonorreia em um encontro sexual desprotegido. Ele doa sangue regularmente para monitorar possíveis doenças sexualmente transmissíveis. L.F. está separado da mãe de sua filha há cinco anos, uma união que ocorreu por circunstâncias difíceis vividas por ela. Atualmente, não têm contato, e a filha optou por ficar com o pai. Ele possui um irmão mais velho que o apoia, especialmente durante o episódio de gonorreia. Sua rede de apoio inclui a mãe e o irmão. L.F. não possui doenças crônicas e faz uso de ASS Infantil para melhorar a circulação sanguínea, além de um remédio natural para dormir. Não tem histórico de internação psiquiátrica ou tratamento em saúde mental. Relata bons hábitos alimentares e pratica exercícios regularmente. Trabalha como vigia noturno de forma informal e frequenta a igreja Universal.

No primeiro atendimento, L.F. estava tenso e envergonhado, mas aos poucos se soltou e começou a falar de suas dificuldades. Assuntos como masturbação e autoconhecimento foram abordados, respeitando suas dores e mantendo um olhar sensível ao que constitui ser um homem negro heterossexual, cisgênero e de baixo poder aquisitivo em uma periferia ao sul do Rio Grande do Sul.

Um dos primeiros aspectos trabalhados foi a desconstrução da hipersexualização do homem negro, ajudando L.F. a entender que sua masculinidade não depende de sua capacidade sexual. Também foi abordada a ideia de que seu valor pessoal não se resume ao trabalho e conquistas materiais, deslocando a culpa pela situação social e financeira para aspectos sociais e racismo estrutural.

Durante o acompanhamento, L.F. apresentou ganhos significativos, conseguindo se masturbar e planejando uma tentativa de relação sexual. No entanto, a chefia da UBS solicitou seu encaminhamento para outro serviço, o que ele não pôde custear, interrompendo o tratamento.

Este caso clínico ilustra como a masculinidade tóxica e os aspectos sociais forjados na colonialidade podem ser adoecedores. O paciente demonstrava medo e insegurança relacionado a sua sexualidade, aspectos esses que podemos atrelar a crença colonial de impulsividade sexual do homem negro. Logo ao não conseguir manter relações sexuais ele sente que falhou naquilo que estruturalmente lhe é atribuído como valor. Embora a impotência sexual afete homens de modo geral, ela vem com um peso maior em homens negros pela cobrança sexual de desempenho sexual. Fanon e Mbembe ao discutirem a “importância dos fenômenos sexuais” (Fanon, 2008, p. 140) a “negrofobia” (Mbembe, 2018, p. 201) baseada no medo do branco quanto a potência sexual do homem negro, recai sob os ombros de homens negros como cobrança para tal. Forjados ainda dentro da mesma sociedade embranquecida e fomentada por masculinidades tóxicas. Em outras palavras todo o enrijecimento, cobranças e perversidades impostas aos homens como modus operante se impõem ao homem negro pelo processo colonizador e no Brasil, pelas políticas de embranquecimento⁴.

Soma-se camadas de processos aniquilatórios de subjetividade, ao homem negro cabe ser viril, potente sexualmente, provedor do lar e em hipótese alguma ceder aos seus sentimentos. Não demonstrar nada do que na normalidade colonial está atrelado a mulher como fraqueza, sentimentos, tristeza, choro ou amor.

O adoecimento não se limita à disfunção sexual, mas inclui todo o sofrimento e prejuízo à vida do paciente, evidenciando as violências e a falta de acesso integral à saúde, conforme proposto pela política do SUS. Prova disso é o encaminhamento do paciente para um serviço distante, não sendo avaliadas as possibilidades reais e de garantia de acesso, provavelmente atravessado de racismo institucional, que tende a minimizar o adoecimento da população negra especialmente quando se trata de saúde mental. Outrossim foi de suma importância ver o processo de desconstrução deste homem, que pelo simples fato de estar falando e sendo ouvido impõem sua resistência de existir num mundo opressor. Que mesmo dentro de suas resistências internas, encontrou um lugar possível e permitiu acima de tudo se ouvir.

CONCLUSÃO

Conforme exposto, as performances de masculinidade podem ser diversas, contudo, a estrutura social na qual vivemos, sendo forjada nos parâmetros da dicotomia hierárquica da colonialidade, contribui para o aniquilamento dessas subjetividades. Indo de encontro à busca pelo ser da normalidade o qual se mostra irreal, enraizando comportamentos, muitas vezes, nocivos a uma sociedade mais saudável e equitativa. Homens se comportam sexualmente aos extremos, ora importando-se exclusivamente com o próprio prazer, colocando sua parceira (ou parceiro) como objeto de uso, ou então impondo-se uma hipersexualização e virilidade animalésca que pouco ou nada contribui para relações sexuais prazerosas e saudáveis. Este ser da normalidade privilegia comportamentos violentos e negligência práticas de olhar intimamente para si, inviabilizando, por exemplo, práxis de autocuidado.

Aspectos impositivos de não acesso a sua própria subjetividade e afetos, se mostram ainda mais avassaladores e colaboram fortemente para a construção de uma sociedade violenta, machista, racista e homofóbica. Homens heterossexuais brancos e cisgênero possuem tanto medo de deixar de ser o ser da normalidade que não se permitem compartilhar sentimentos, medos, dúvidas, frustrações. Permanecendo assim fadados a mera reprodução de comportamento, pois não há espaço para reflexão, e impõem tal funcionamento a outros homens, mantendo um sistema que se retroalimenta de dores que fazem doer em todas as pessoas ao redor.

Nesse sentido, consideramos de suma importância a desconstrução desses preceitos, pois assim como elucidado no estudo de caso, ao desconstruir ideias que corroboram uma masculinidade tóxica, é possível olhar para o sofrimento real com menos culpa e assim lidar com eles. Outrossim, ressaltamos que as experiências de masculinidades tóxicas podem ser diferentes para cada indivíduo, e, embora se tenha debruça sobre o escopo de pessoas LGBTQIA+, não negamos o acontecimento e consideramos urgentes estudos que tratem com responsabilidade e profundidade. Idealiza-se uma sociedade mais igualitária, justa em que a violência de qualquer modo não prevaleça.

REFERÊNCIAS

ANZALDUA, Glória; *La consciência de lamestiza/ Rumo a uma nova consciência*; 2019. In: LORDE, Audre, et al, **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Organização Heloísa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, 440 p.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo. Fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1980.

BENTO, Maria Aparecida Silva, Branqueamento e branquitude no Brasil, In: CARONE, Iray, BENTO, Maria Aparecida Silva (organizadoras). **Psicologia social do racismo** – estudos sobre a branquitude e o branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ:Vozes, 2002, p. 25-58.

CARNEIRO, Sueli; **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**; São Paulo: Selo Negro, 2011.

CASTRO-GÓMEZ, S; GROSFOGUEL, R. Prólogo. *Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico*. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón (Orgs.); **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

COSTA, Joaze Bernardino; GROSFOGUEL, Ramón, **Decolonialidade e perspectiva negra**, Revista Sociedade e Estado – Vol. 31 n.º 1, janeiro/abril 2016.

FAGUNDES, T. C. P. C. (2023). **MASCULINIDADES SAUDÁVEIS X MASCULINIDADES TÓXICAS**. Revista Brasileira De Sexualidade Humana, 34, 1076 .
<https://doi.org/10.35919/rbsh.v34.1076>

FANON, Frantz, **Pele Negra Máscaras Brancas**; Tradução de Renato da Figueira, Salvador: EDUFBA, 2008.

FILHO, V. de P. N. L., & Freitas, G. P. de. (2020). **Ao sul do corpo: abordagens não hegemônicas que abalam a masculinidade tóxica vigente**. Esferas, (18), 180.
<https://doi.org/10.31501/esf.v0i18.12144>

hooks bell, **E eu não sou uma mulher?**; Editora Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 2019.

LUGONES, Maria. *Rumo a um feminismo decolonial*, 2019. In: LORDE, Audre, et al, **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Organização Heloísa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, 440 p.

MBEMBE, Achille; **Crítica da razão negra**; traduzido por Sebastião Nascimento. – São Paulo: n-1 edições, 2018, 320p.

QUIJANO, Anibal; *Colonialidade do poder e classificação social*, in: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. (Org.) **Epistemologias do Sul**; Coimbra: Almedina, 2009, p. 73-117.

TRUTH, Sojourner; **E eu não sou uma mulher?** Narrativa de Sojourner Truth, Irmã editorial Ltda; São Paulo, 2020.